

# A semântica dos adjetivos de grau: uma possível relação com os nomes?

Kayron Beviláqua\*

## Resumo

Neste squib exploramos a semântica da gradação proposta para os adjetivos, tendo como base fundamentalmente os trabalhos de Kennedy (1999) e Kennedy e McNally (2005), e buscamos relacioná-la ao domínio dos nomes (quanto ao seu caráter massivo-contável), estruturas que não são comumente tratadas como predicados graduais. Para tanto, na primeira seção, apresentamos o modelo semântico da gradação e a divisão proposta entre adjetivos relativos e absolutos. Na seção seguinte, discutimos os critérios de distinção massivo-contável e os diferentes tipos de nomes. Em seguida, realizamos os primeiros passos de aproximação semântica entre adjetivos e nomes, ao analisar o comportamento dos nomes em comparativas e na combinação com modificadores graduais. Por fim, fazemos um paralelo entre os diferentes tipos de escalas no domínio adjetival e as diferentes escalas no domínio massivo-contável. Concluimos que é possível uma aproximação; porém, a aplicação profunda do modelo de graus aos nomes traz alguns limites e problemas, tais como a cumulatividade de nomes plurais e a não restrição de certos quantificadores no PB, ao contrário do inglês.

**Palavras-chave:** adjetivos, graus, nomes, massivo-contável

## Abstract

This squib explores the semantics of degrees proposed for adjectives, based essentially on the works of Kennedy (1999) and Kennedy and McNally (2005), and we try to relate it to the domain of the nouns, which are not commonly treated as degree predicates. Thus, in the first section, we present the semantic model of gradation and the proposed division between relative and absolute adjectives. In the following section, we discuss the criteria of mass-count distinction and the different types of nouns. Next, we perform the first steps of a semantic approximation between adjectives and nouns, by analyzing their behavior in comparatives and in combination with degree modifiers. Finally, we make a parallel between the different scales of gradable adjectives and the nouns regarding the mass and count differences. We conclude that an approximation is possible, but the deep application of the degree model to the nouns brings certain limits and problems, such as the cumulativity of plural nouns and the non-restriction of quantifiers in BrP, differently from English.

**Keywords:** adjectives, degrees, nouns, mass-count

---

\* Universidade Federal do Paraná, UFPR.

## 1 Introdução

Com este squib pretendemos relacionar a semântica da gradação proposta para os adjetivos — tendo como base fundamentalmente os trabalhos de Kennedy (1999) e Kennedy e McNally (2005) — aos nomes, estruturas que não são comumente tratadas como predicados graduais, em especial quanto ao seu caráter massivo-contável. O modelo de semântica de graus, como chamaremos aqui, prevê que os adjetivos são predicados graduais, os quais possuem uma estrutura escalar, isto é, baseada em escalas. Essa característica pode ser apurada ao observarmos o comportamento dos adjetivos em sentenças comparativas:

- (1) O João é mais **alto** do que o Pedro.

Seguindo o modelo semântico de graus, a sentença em (1) somente será verdadeira se, numa escala de altura, for possível verificar que o grau de altura associado ao indivíduo João é superior ao grau associado ao indivíduo Pedro. Dessa forma, segundo Kennedy (1999), adjetivos como *alto* são predicados graduáveis e, portanto, possuem estruturas escalares. O adjetivo *alto* expressa uma comparação em relação a uma dimensão, “altura”, que, por sua vez, está associada a uma escala de altura.<sup>1</sup>

Seguindo o mesmo modelo de estruturas escalares, parece possível estender a análise realizada em (1) para o domínio dos nomes, que também podem aparecer em construções comparativas. Vejamos:

- (2) O João comprou mais **livros** do que o Pedro.

Primeiramente, é preciso estabelecer as unidades da comparação em (2) levando em consideração a denotação de *livros*, um predicado contável plural. Seguindo Link (1983) e Chierchia (1998), a extensão de nomes contáveis é representada por um conjunto de átomos — ou unidades —, enquanto a extensão de tais nomes no plural é representada pelo conjunto de pluralidades dessas unidades. Perceba que, assim, temos uma dimensão dada para esses nomes. O nome *livros* expressa uma comparação em relação à dimensão de “unidades”, que, por sua vez, está associada a uma escala de cardinalidade. Logo, a sentença em (2) somente será verdadeira se, numa escala de cardinalidade, for possível verificar que o grau de unidades de livros comprados por João é maior do que o grau de unidades de livros comprados por Pedro.

Além do mais, assim como adjetivos graduais, os nomes parecem se combinar com expressões de grau, como *muito(a)* e *muitos(as)*:

---

<sup>1</sup> Há, naturalmente, outros modelos semânticos que utilizam mecanismos de análise diferentes para explicar a semântica de (1). Klein (1980), por exemplo, trata adjetivos como *alto* como predicados vagos. Ver também a proposta de Burnett (2012).

- (3) João vendeu **muito** peixe.
- (4) João comprou **muitos** livros.

O critério da comparação aponta para um tratamento gradual dos nomes. Como lidar com isso? É possível tratar tais nomes como predicados graduais? A que escalas e dimensões eles estão associados? Para tentar responder a essas perguntas, utilizamos os pressupostos da proposta de graus, bem como o embasamento teórico sobre a distinção contável-massivo nas línguas naturais, e procuramos caminhos que possam indicar uma possível aproximação entre os diferentes tipos de predicados graduais e os nomes. Mais do que uma análise definitiva, este squib pretende explorar uma teoria que propõe graus na ontologia e expandi-la a outros domínios da linguagem, explorando um exercício formal de análise, apontando os prós e contras de tal aproximação.

## 2 A semântica de graus dos adjetivos

Como vimos, o modelo de semântica de graus prevê que os adjetivos são predicados graduais, os quais possuem uma estrutura escalar, isto é, baseada em escalas. Essa proposição é mais baseada na diferença interna existente na classe dos adjetivos graduais do que na diferença propriamente dita entre adjetivos graduais e não graduais. Adjetivos graduais são, então, divididos em duas subcategorias: adjetivos relativos e adjetivos absolutos. Adjetivos relativos requerem, quando comparados, uma referência a uma classe de comparação. Não é possível, por exemplo, dizer se algo é alto até que saibamos sua classe de comparação, a qual pode ser fornecida por uma variedade de fontes (por exemplo, o contexto do discurso). Isso traz implicações para o valor de verdade das sentenças com tais adjetivos. Vejamos:

- (5) O João é alto (para um ginasta).
- (6) O João é alto (para um jogador de basquete).

Há uma diferença de parâmetro contextual entre (5) e (6). Em (5), *alto* é um adjetivo relativo, pois sua denotação varia contextualmente, isto é, para atribuir ao João a propriedade de ser alto, é preciso levar em conta a classe de comparação a que está sendo designada essa qualidade. Assim, o João pode ser alto em comparação com ginastas (e assim (5) seria verdadeira) e baixo em comparação com um time de basquete, tornando a sentença em (6) falsa.

A outra subcategoria de adjetivos graduais, adjetivos absolutos, também pode aparecer em comparativas e depende de uma classe de comparação, mas que não é livremente retirada do contexto, como acontece com os relativos. Por exemplo, você pode comparar graus de plenitude de um recipiente sem referência a outros membros da classe:

(7) # O copo está cheio (para um copo de vidro).

O adjetivo absoluto *cheio*, em (3), tem um parâmetro de comparação que não varia livremente; ele procede da dimensão do indivíduo, pois uma das propriedades do indivíduo (por exemplo, a capacidade de retenção do copo) serve preferencialmente de classe de comparação. Assim, não é necessário que se observe uma classe de comparação para afirmar se algo está cheio. Se um copo estiver cheio, não é possível encontrar um contexto que faça, em comparação com outros copos, ele ser mais ou menos cheio.

Outra diferença que opõe essas duas classes de adjetivos diz respeito à combinação com modificadores. Adjetivos relativos não se combinam com chamados modificadores proporcionais. Exemplos em inglês explicitam melhor essa relação (cf. KENNEDY; McNALLY, 2005):

(8) The glass is **almost/completely/half** full.

(9) # My dog is **almost/completely/half** big.

Tais nuances levam os autores a propor a existência de adjetivos graduais; afinal, como explicar essas sensibilidades sem falar em graus e escalas?<sup>2</sup> Essas diferenças estão diretamente relacionadas às restrições que esses modificadores colocam à estrutura escalar dos itens lexicais que modificam. Modificadores proporcionais como *almost/completely/half* só podem modificar adjetivos graduais que são capazes de fornecer um ponto final escalar máximo (absolutos). Assim, os padrões sintáticos de modificação são bons esclarecedores das diferenças subjacentes à representação semântica desses adjetivos graduais.

Assim, apesar de serem predicados de graus, esses dois tipos de adjetivos apresentam comportamentos diferentes em relação à sua escalaridade. Segundo Kennedy e McNally (2005), há dois tipos de escalas: abertas e fechadas. Escalas abertas são aquelas que não possuem um grau mínimo ou máximo. *Alto*, por exemplo, é um adjetivo de escala aberta, uma vez que não há lexicalmente um grau para algo ser considerado alto.

Por outro lado, há escalas fechadas que possuem um grau mínimo e/ou um grau máximo determinados. Por exemplo, para escalas fechadas no grau máximo, temos o par *seguro - inseguro*, pois para ser seguro algo tem de ter total segurança, e qualquer grau menor que 100% de segurança o torna inseguro ou perigoso. Já para escalas fechadas no grau zero, consideremos o par *molhado - seco*: algo seco tem zero de umidade; e qualquer grau diferente desse torna o

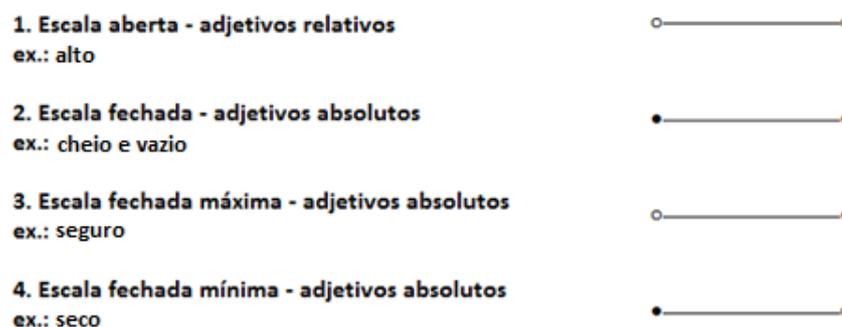
---

<sup>2</sup> Está fora do escopo deste trabalho abordar esse debate. Naturalmente, aqui, é de nosso interesse assumir a proposta de graus, pois iremos explorá-la ao estendê-la ao domínio dos nomes.

objeto molhado. Dito de outro modo, diferentes graus, a partir do ponto mínimo, da propriedade de umidade rendem *molhado*; e somente um grau rende *seguro*, o grau máximo.<sup>3</sup>

Há também adjetivos de escala fechada tanto no ponto máximo quanto no ponto mínimo. É o caso do par *cheio* – *vazio*. Não há como um copo que atingiu o máximo de sua capacidade ficar mais cheio. Do mesmo modo, não há como um copo ter menos líquido que o mínimo de conteúdo possível, pois estaria *vazio*.

Em suma, chegamos a quatro tipos de escala: aberta; fechada na ponta mínima; fechada na ponta máxima; e fechada nas duas pontas. A figura a seguir, então, resume as diferentes escalas relacionadas aos diferentes adjetivos graduais:



**Figura 1:** Escalas de adjetivos graduais. Elaborada pelo autor.

Como afirmam Kennedy e McNally (2005), apesar das diferenças, os adjetivos acima possuem o mesmo tipo semântico de todos os adjetivos graduais (<d, <e,t>>), isto é, são relações entre graus e indivíduos. Feita essa breve introdução ao modelo semântico da gradação, abordamos a seguir o domínio dos nomes apresentando modelos que também propõem uma divisão fundamental, entre massa e contável.

### 3 A semântica da distinção contável-massivo

Nesta seção, investigamos a relação entre o domínio da distinção contável-massivo e a expressão dos sintagmas nominais nas línguas naturais. A discussão é demasiada extensa; portanto, dado o escopo deste trabalho, trataremos apenas das questões que envolverão nossa análise mais à frente. Tradicionalmente, instaurou-se uma associação direta entre nomes contáveis e objetos atômicos no mundo, e entre nomes massivos e substâncias, mas tal concepção foi sendo remodelada.

<sup>3</sup> É possível, naturalmente, fazer o raciocínio inverso e, em vez de considerar uma escala de umidade, considerar uma escala de “sequidão”, por exemplo. Com isso, somente um grau rende *seco*, o grau máximo; e qualquer ponto na escala rende *molhado*.

Em termos semânticos/ontológicos, por exemplo, buscam-se critérios eficazes que possam distinguir entre nomes massivos e contáveis. Quine (1960) observou que os nomes de massa são cumulativos. A cumulatividade diz basicamente que se combinarmos duas partes de uma mesma substância, que é a referência de um nome de massa, o resultado ainda pode ser referido pelo mesmo nome. Por exemplo, se tomarmos duas porções de água e colocá-las juntas, o que temos ainda é *água*. Por outro lado, isso não ocorre com os nomes contáveis singulares: se juntarmos um carro com outro carro, o resultado não poderia ser referido como *carro*.<sup>4</sup>

Há também o critério chamado de divisibilidade (CHENG, 1973). A autora nota que, para os nomes de massa, se houver um elemento que pertence à extensão dos nomes massivos, cada subparte desse elemento também pertence a essa extensão. Então, nomes de massa são divisíveis. Vejamos o caso de *água*: se pegarmos uma porção de água e a dividirmos, a parte restante também será referida como água. Podemos até dividir essa subparte em outras subpartes sucessivamente. Por outro lado, subpartes de um carro não podem ser referidas como *carro*, já que a princípio trata-se de um nome contável.<sup>5</sup>

Podemos pensar essa distinção também em termos sintáticos. Chierchia (1998) aponta três principais restrições relacionadas a essa distinção:

- (i) (não) presença de morfema de plural;
- (ii) (não) combinação com numerais cardinais;
- (iii) combinação com quantificadores específicos para massa/contável.

Vejamos a realização desses aspectos para nomes contáveis:

- (10) João comprou três livros.

Segundo os critérios (i) e (ii), nomes de massa não aceitam a marcação de plural, nem a combinação com numerais. Já os nomes contáveis, sim, como é o caso de *livros* em (10). A impossibilidade da combinação de marcação de plural e combinação com um numeral a nomes de massa pode ser atestada na agramaticalidade da sentença seguinte:<sup>6</sup>

- (11) \*João comprou três areias.

---

<sup>4</sup> O plural, dessa forma, é cumulativo, já que podemos usar *carros* nesse caso.

<sup>5</sup> Talvez aqui seja interessante uma discussão sobre o singular nu no PB. Pires de Oliveira e Rothstein (2011) argumentam que o singular nu pode denotar, por exemplo, partes de indivíduo.

<sup>6</sup> A sentença em (11) só é aceitável em um contexto no qual estão em questão diferentes tipos (ou *containers*) de areia. Nesse caso, temos um caso de coerção e a operação de contagem é licenciada por um classificador.

Ademais, segundo o critério (iii), há quantificadores específicos tanto para nomes massivos quanto para nomes contáveis. Essa especialização fica mais clara se atentarmos para o exemplo do inglês:

(12) much/\*many water

(13) \*much/many boys

Em inglês, *much* atua como o quantificador especializado para nomes de massa, gerando uma leitura de que o grau de volume de água é superior a um determinado parâmetro de comparação; e *many* atua como o quantificador contável, já que quantifica apenas sobre nomes contáveis (e plurais), atribuindo uma interpretação de que o grau de cardinalidade de um determinado objeto discreto é superior a um determinado parâmetro de comparação.

Porém, como mostra Rothstein (2010), a questão é mais complexa. A autora afirma que a distinção contável-massivo não é ontológica, mas, sim, linguística (ou seja, relaciona-se com a maneira como, através de uma língua, denota-se alguma coisa, e não como o objeto é no mundo, se é uma substância ou um objeto discreto). Há certos nomes que, embora sejam contáveis no domínio do linguístico, não têm átomos naturais no mundo, como *cerca*, *muro*, *graveto*, etc., que são, segundo a autora, homogêneos — já que um pedaço de cerca é ainda uma cerca. No entanto, ao mesmo tempo, esses nomes são contáveis, ao contrário de outros nomes contáveis que são, em maioria, heterogêneos, como *menino* — um pedaço de menino não é um menino — e etc. Assim, *cerca* é um nome contável, podemos dizer *duas cercas*, mas não há uma unidade no mundo que seja independente do contexto.

Por outro lado, há nomes que não são contáveis no domínio linguístico, mas denotam agregados de objetos no mundo, os chamados “count mass nouns” (DOETJES, 1997), como *bagagem*, *mobília*, *prataria*, *gado*, *arsenal*, *bijuteria*, *roupa*, etc. Esses nomes apresentam certo paralelismo sintático com os nomes massivos por não admitirem pluralização e contagem, mas possuem unidades atômicas identificáveis no mundo. Por exemplo:

(14) João tem muita mobília em casa. Ele tem três mesas, dez cadeiras, etc.

De forma geral, assim como os nomes massivos, esses “count mass nouns” não podem ser pluralizados ou contados, mas têm sob seu domínio unidades identificáveis, compartilhando algumas características próprias de nomes contáveis.

Vimos que, assim como os adjetivos se distinguem entre relativos e absolutos, entre os nomes há também uma distinção binária, contáveis e massivos. Tais nuances nos adjetivos são explicadas pela semântica da gradação através de diferentes tipos de escala. A linha que

interessa explorar aqui é se a mesma proposta não pode ser aplicada aos nomes. É o que procuraremos realizar na próxima seção.

#### 4 Uma aproximação

Assumindo, então, graus na nossa ontologia, principalmente no domínio dos adjetivos, como vimos na seção 2, parece plausível — do ponto de vista da razoabilidade teórica, afinal incluímos um novo tipo semântico em nosso inventário de denotações — estender a propriedade da gradação para outros domínios da linguagem, como, por exemplo, os nomes.

Tal relação é possível, principalmente se atentarmos para o fato de que nomes, assim como adjetivos, podem aparecer em construções comparativas. Por exemplo:

- (15) João é mais **alto** que a Maria.
- (16) João tem mais **livro(s)** que a Maria.

Como já discutimos anteriormente, as sentenças estabelecem uma comparação que varia entre graus de altura, em (15), e quantidade de unidades de livros, em (16). A possibilidade de certos adjetivos serem comparados, como *alto* e *cheio* — ao contrário de *amarelo* —, é um indicativo de que aqueles adjetivos apresentam um tipo semântico diferente, contendo graus. Então, a inferência pode ser válida também para os nomes.

Complementarmente, nomes também podem ser modificados por quantificadores que expressam uma relação entre graus, como *muito(a)*:

- (17) João é **muito alto** para Pedro.
- (18) João comprou **muitos livros** (em relação a Pedro).

A combinação dos adjetivos e nomes com modificadores de grau aumenta o grau estabelecido pela determinada propriedade. Então, (17) somente será verdadeira se, numa escala de altura, houver um grau maior (associado a João) do que o grau de altura já associado ao indivíduo João, que é superior ao grau associado ao indivíduo Pedro. De modo análogo, (18) será verdadeira se for possível verificar que há um grau maior do que o grau do conjunto de unidades de livros comprados por João, que, por sua vez, é maior do que o grau do conjunto de unidades de livros comprados por Pedro.

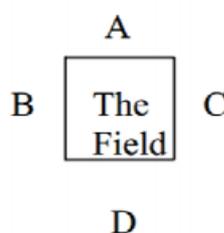
Outro ponto de aproximação entre nomes e adjetivos graduais diz respeito à vagueza. A característica contextual (e de vagueza) observada nos adjetivos como *alto*, discutida anteriormente, parece estar presente também em alguns nomes, por exemplo, *cerca*: assim como a afirmação de que certo indivíduo é alto pode ser verdadeira ou falsa em contextos diferentes, não sabemos decidir, por exemplo, se estamos diante de uma cerca, duas, etc.

Tais pontos de análise nos levam a uma aproximação entre nomes e adjetivos. Podemos aprofundar mais e buscar uma relação direta entre as diferentes estruturas escalares dos adjetivos graduais (Figura 1), propondo uma subdivisão parecida entre os diferentes tipos de nomes massivos e contáveis. Vimos que *alto* é um adjetivo que parece não envolver valores mínimos ou máximos numa escala. Alguém sempre pode ser mais alto (ou baixo) a depender da classe de comparação. Nomes massivos, como *água*, compartilham de propriedades similares. Como vimos, se combinarmos duas partes de uma mesma substância, que é a referência de um nome de massa, o resultado ainda pode ser referido pelo mesmo nome. Ademais, considerando-se um nome massivo, cada subparte desse elemento também pertence a essa extensão, por exemplo: subporções de areia ainda são areia. Logo, massivos são como relativos.

Nomes contáveis, por sua vez, se aproximam de adjetivos absolutos de escalas totalmente fechadas. Para nomes contáveis, há sempre uma unidade semântica bem estabelecida e ela não varia. Diferentemente dos nomes massivos e de escala aberta, nomes contáveis — como o par singular e plural *livro* – *livros* — não aceitam subdivisão ou cumulatividade. Uma unidade atômica de livro não pode ser menos que isso (pedaço de livro) ou mais (combinação de livros). Por isso a escala fechada nas duas pontas. Não há variação entre os pontos mínimo e máximo da escala.

“Count mass nouns”, como *mobília*, nessa proposta, são semanticamente próximos a adjetivos de escala fechada no grau máximo (como *reto*). A ponta aberta no grau mínimo indica a possibilidade de um agregado como *mobília* ser divisível em diferentes unidades. Se você tem um apartamento com 15 móveis, você pode chamá-lo de *mobília*. Mas você também pode chamar de *mobília* somente os móveis do quarto. Um móvel no quarto ainda é *mobília*, assim como todo os móveis do apartamento. A ponta fechada no máximo é representativa da impossibilidade de pluralização do nome. Não é possível juntar *mobília* e *mobília* e obter *\*mobílias*.<sup>7</sup>

Por último, nomes contáveis homogêneos, como *cerca*, seriam como adjetivos de escala fechada apenas no grau mínimo. Perceba que tais nomes respeitam as restrições sintáticas de nomes contáveis, mas semanticamente possuem a característica da cumulatividade. Vejamos através de um exemplo similar ao de Rothstein (2010):



**Figura 2:** Imagem representativa de *cerca*. Fonte: ROTHSTEIN (2010).

<sup>7</sup> Note que a pluralização de nomes massivos só é possível através de coerção. Ver Bunt (1985).

Na imagem, temos um campo cercado por uma cerca? Ou são quatro cercas? Independentemente do que se considera como uma unidade de cerca, há sempre uma unidade estabelecida (um átomo semântico), por isso a ponta fechada no grau mínimo. Por outro lado, é sempre possível incluir mais uma unidade à cerca, por isso a ponta aberta no grau máximo.

Nosso quadro comparativo, em relação a estruturas escalares de adjetivos relativos e absolutos (Figura 1) ficaria assim:



**Figura 3:** Escalas e tipos de nomes. Elaborada pelo autor.

Tal quadro não se mantém, contudo, acima de problemas. Não parece haver diferença gramatical entre os adjetivos de escalas fechadas em 100% e escalas fechadas em 0%, como argumentam Kennedy e McNally (2005), daí ser possível unificá-los em uma única escala, de fechada em pelo menos uma das pontas. Isso traz problemas para o paralelo com nomes, pois temos diferenças gramaticais entre nomes como *cerca* e *mobília*, por exemplo, a possibilidade de contagem (\*três mobílias vs. três cercas).<sup>8</sup>

Outra consequência de tal aproximação diz respeito ao par singular - plural. O plural carrega marcas morfossintáticas que restringem sua sintaxe e interpretação à atomicidade. Contudo, a cumulatividade é possível para tais nomes; afinal, se juntarmos bolas com mais bolas, poderemos ainda nos referir a esse grupo como *bolas*. O critério da cumulatividade, então, não consegue distinguir entre nomes de massa e nomes contáveis plurais, o que levaria um problema à análise feita, considerando a ponta fechada no ponto máximo para nomes contáveis. Para o plural, a escala mantida deveria ser com a ponta máxima aberta e ponta mínima fechada.

Além do mais, como observam Kennedy e McNally (2005), há quantificadores que não operam sobre certos adjetivos. É o caso de *much*, *well* e *very*. *Much* apenas modifica adjetivos absolutos com escala fechada no grau mínimo. Adjetivos com escala fechada no grau máximo não se combinam com *much*. Por outro lado, *well* somente se combina com adjetivos absolutos

<sup>8</sup> À primeira vista parece ser possível uma sentença como: João carregou três mobílias. Contudo, nesses casos, parece haver um classificador encoberto, gerando a interpretação de três tipos de mobília ou três grupos de mobília. É o que a literatura argumenta para casos de contagem direta de nomes de massa. É possível também, por outro lado, que seja o caso de uma ressignificação de *mobília* para designar *mala*, por exemplo.

com escala fechada e não se combina com absolutos de escala aberta. *Very*, por sua vez, modifica apenas adjetivos relativos. Tal diferença deveria ser possível no domínio dos nomes. Porém, no PB, o operador *muito(s)* se combina com todos os nomes analisados anteriormente (*muita água, muita mobília, muitos livros; muita cerca*). Ademais, no próprio domínio dos adjetivos no PB, não há uma clara distinção entre modificadores que operam somente sobre alguns adjetivos; é possível combinar *muito(a)* com qualquer adjetivo gradual (*muito alto; muito aberta; muito curvado*), o que indica que há uma diferença translinguística e que talvez a distinção gradual e não gradual não seja tão clara no PB como é no inglês.

## 5 Algumas Considerações Finais

A discussão aqui realizada priorizou um paralelo entre o domínio dos nomes e adjetivos, tendo como pano de fundo a semântica da gradação e a semântica da distinção contável-massivo. Uma pergunta que fica é: só existiriam nomes graduais? Sabemos que existem adjetivos graduais, como *alto* e *fechado*, mas há também adjetivos não graduais, como *atômico* e *grávida*. Conseguimos relacionar os nomes aos adjetivos de graus, mas não mencionamos a possibilidade de nomes não graduais. Nessa direção, uma análise possível é tratar dessa maneira os nomes únicos, como *sol*, que designa um único indivíduo no mundo. Perceba que esses nomes não apresentam as mesmas características dos nomes que apresentamos, isto é, não atuam em comparações e não aceitam modificadores de graus; além do mais, eles não são vagos. Esses parecem ser indícios de que não são predicados de graus e se comportam, então, como adjetivos não graduais.

Outro ponto a se considerar é a produtividade do singular nu no PB. Como Pires de Oliveira e Rothstein (2011) mostraram, o singular nu possui comportamento semelhante aos nomes de massa. Em construções comparativas, como em (2), o singular nu admite comparação numa escala de dimensão massiva, como volume, por exemplo. Então tal sintagma pertenceria aos grupos de escalas abertas, assim como *água*? O problema é que, como também mostram Pires de Oliveira e Rothstein (2011), na mesma comparação, o singular nu admite igualmente comparação por escalas de unidade, atômica, como uma escala fechada. Como lidar com isso?

Há também, por exemplo, questões ontológicas envolvidas das quais não nos aproximamos. Se estamos tratando nomes sob o modelo semântico de gradação, é consequência natural especular sobre o tipo semântico dos nomes. Nesse caso, temos que assumir necessariamente que nomes têm o mesmo tipo semântico de adjetivos graduais (<d, <e,t>>)? Outro ponto que se instaura é: se é possível uma aproximação com nomes, o que dizer da classe verbal? Perceba que é possível a combinação de *muito* com verbos (*João chora/dorme/fala muito*). Além do mais, verbos também podem ser comparados (*Eu dormi mais do que comi*). Que semântica propor então para os verbos?

São discussões que (e o leitor deve ter percebido a ausência) não foram tratadas aqui, mas que são fundamentais, ficando para um aprofundamento da proposta de tratar nomes como estruturas graduais. Com este squib, objetivou-se lançar luz para um novo modo de olhar a semântica da distinção contável-massivo no sintagma nominal. Contudo, mais do que propor soluções definitivas, buscamos apenas iniciar um exercício de análise e problematizar algumas consequências de tal proposta.

## Referências

- BUNT, H. *Mass terms and model-theoretic semantics*. Cambridge: CUP, 1985.
- BURNETT, H. A multi-valued delineation semantics for absolute adjectives. In: EGRÉ, P.; RIPLEY, D. (Ed.). *Proceedings of the workshop on the application of three-valued logics to natural language*, Opole, Poland, p. 1-15, 2012.
- CHENG, C-Y. Comments on Moravcsik's paper. In: HINTIKKA, K. J. J. et al. (Org.). *Approaches to natural language*. Dordrecht: D. Reidel, 1973. p. 286-288.
- CHIERCHIA, G. Reference to kinds across languages. *Natural Language Semantics*, v. 6, p. 339-405, 1998.
- DOETJES, J. *Quantifiers and Selection: on the distribution of quantifying expressions in French, Dutch and English*. 1997. Ph. D Dissertation – University of Leiden, Leiden, 1997.
- KENNEDY, C. *Projecting the adjective: the syntax and semantics of gradability and comparison*. New York: Garland, 1999.
- KENNEDY, C.; McNALLY, L. Scale Structure, Degree Modification, and the Semantics of Gradable Predicates. *Language*, v. 81, n. 2, p. 345-381, 2005.
- KLEIN, E. A semantics for positive and comparative adjectives. *Linguistics and Philosophy*, v. 4, p. 1-45, 1980.
- LINK, G. The logical analysis of plurals and mass terms: a lattice theoretical approach. In: BÄUERLE, R. et al. (Eds). *Meaning, use and Interpretation of Language*: Berlin: de Gruyter, 1983. p. 303-323.
- PIRES DE OLIVEIRA, R.; ROTHSTEIN, S. Bare nouns in are mass in Brazilian Portuguese. *Lingua*, v. 121, p. 2153-2175, 2011.
- QUINE, W. *Word and object*. Cambridge Massachusetts: MIT, 1960.
- ROTHSTEIN, S. Counting and the mass-count distinction. *Journal of Semantics*, v. 27, n. 3, p. 343-397, 2010.

*Squib* recebido em 12 de maio de 2017.  
*Squib* aceito em 11 de dezembro de 2017.